

COMO FALAR SOBRE A PRÁTICA CLÍNICA ENTRE ANALISTAS?¹

Miriam A. Nogueira Lima²

1. Um seminário e um dispositivo.

A pergunta "Como falar sobre a prática clínica entre analistas?" está na origem do seminário intitulado "Sobre a prática da psicanálise" que conduzo pelo segundo ano na instituição da qual faço parte, e expressa uma demanda ali identificada. A fantasia de atendê-la e o desejo de interpretá-la resultaram na criação de um espaço-tempo-transferencial-ético provavelmente necessário e adequado a um trabalho sobre a prática. Penso indicar aqui as razões.

Outro motivo gerador desse seminário relaciona-se ao interesse na problemática da supervisão e na pesquisa de formas suplementares às vigentes que supram suas deficiências ou mesmo ampliem seu campo de ação e seus efeitos. Refiro-me especialmente ao delicado manejo do entrecruzamento das transferências implicadas, ocorrência frequente na prática da supervisão.

Por fim, o motivo principal e decorrente das questões anteriores é desenvolver e praticar o estudo iniciado em 1995 sobre o dispositivo "O traço do caso", criação de Claude Dumèzil, na suposição de que a prática com esse dispositivo atenderia a uma boa parte das questões referidas acima.

Tal suposição surgiu depois de ter ouvido uma exposição sobre o assunto e tido a experiência de participar de um seminário clínico do traço do caso.³ Nessa ocasião, surpreendeu-me saber que ele fora concebido há mais de dez anos. O livro *Le trait du*

¹ Este texto retoma, com modificações e acréscimos, o trabalho apresentado na Reunião Lacanoamericana de Psicanálise da Bahia, agosto/1997, e foi também apresentado e discutido na Jornada "Saber e verdade" da Letra Freudiana, Rio de Janeiro, novembro/1997.

² Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/RJ. E-mail: manglima@gmail.com.

³ Com os psicanalistas Bernard Bremond e Jean-Jacques Leconte, em dois encontros na EDCA - Escola da Causa Analítica, Rio de Janeiro, 1995.

cas ou le psychanalyste à la trace (Dumézil, 1989), resultado da passagem para a escrita de um cartel composto por ele e outros quatro analistas, apresenta textos elaborados a partir da prática clínica, criativos, inovadores e referidos com rigor ao corpo teórico da psicanálise freud-lacanianiana. Sublinho simplicidade, clareza e firmeza presentes nos enunciados de questões complexas, articulando sempre teoria, técnica e prática da psicanálise. São questões que abrangem o exercício da psicanálise tomada em suas diversas expressões: o tratamento, a instituição, a supervisão, o passe, a autorização do analista, enfim, a transmissão da psicanálise.

Creio poder dizer que saber e verdade, no sentido psicanalítico dos termos, aí se desenvolvem a partir de uma ficção. De fato, o traço do caso, no dizer de seu próprio idealizador, é uma "ficção operatória" o que significa que ele não existe a priori, mas que é algo a ser buscado, sendo preciso levar em conta a dupla vertente de sua concepção: a do significante e a do dispositivo.

Diz Dumézil: "[...] um significante de Lacan um tanto enigmático, raras vezes utilizado até agora, o 'traço do caso' [...] em Lacan, remete ao 'pessoal na prática' e ao suporte do sujeito". Citando Lacan no Seminário sobre o Ato analítico "[...] dar como suporte ao sujeito o que é propriamente dele; a saber: nada; na ocasião, o traço" (1992:10).

Em sua vertente de dispositivo,⁴ o Traço do caso é o que movimenta e promove a prática. A distinção se faz em relação ao setting considerado como aquilo que possibilita e sustenta uma prática. Outra característica a ressaltar é a sua vocação transinstitucional, uma vez que foi concebido para ser realizado no mais além da instituição fechada. Há também a especificidade, e talvez esta seja a mais importante, de que o sujeito-suposto-saber não se encontra fixamente encarnado em alguém em particular. A possibilidade de o analista fazer-se analista de sua própria prática e estabelecer sua articulação com a teoria é viabilizada. Caracteriza-se, ainda, por visar: "menos dimensão de autoridade e mais segurança para evocar o 'pessoal' na prática". Há, contudo, ressalvas básicas: esse trabalho se dirige aos analistas que tenham se autorizado há tempos, mesmo que também "por alguns outros" e passado pela experiência da supervisão e do preparo teórico. Outra ressalva é que não devem

⁴ Para uma descrição detalhada do dispositivo em seus três tempos transferenciais sucessivos articulados entre si, ver dados extraídos de material de divulgação do Traço do caso em Nogueira Lima, M.A, "Sobre a prática psicanalítica", 1º Relatório, in Documentos nº 1, Boletim do Corpo Freudiano, Rio de Janeiro, 1996, e/ou no site da IPB: WWW.interseccaopsicanalitica.com.br

participar do mesmo seminário clínico analista e analisando. Podem ser constituídos vários seminários nos quais as pessoas se inscrevem levando em conta esse limite, essa regra. Eles são fechados, o número dos participantes em torno de oito e de preferência procedentes de várias instituições.

2. Instituição, interinstituição, transinstituição: associações de analistas.

Sobre as instituições e associações de psicanalistas, não podemos perder de vista o que se pode fazer para torná-las um bem, no sentido ético, na referência à diferença e à alteridade, no vigor do simbólico e não super-egóico. Este proíbe a palavra, rejeita a subjetividade, pois o controle do saber pelo poder do saber dominante resulta no fechamento do saber inconsciente em prol do já instituído. Esta questão inclui as relações entre as instituições, encerradas nelas mesmas em competições e lutas fratricidas internas e externas.

Sobre a "interinstitucionalização", Alain Didier-Weill (1998:84) por exemplo apresenta uma concepção de procedimento do passe além da instituição fechada que parece bastante promissora. Ele vem propondo sua sistematização.

De todo modo, no que tange ao passe, dentro ou fora da instituição, sabemos que esta não é uma questão resolvida como também não está resolvida a questão da autorização do analista. O fato de Lacan ter feito um acréscimo à sua afirmação inicial "o analista só se autoriza por si mesmo", ao completar depois "e por alguns outros", não significa encerrar a questão. O analista está sempre em formação e não para jamais de autorizar-se, sabemos disto. Tampouco se autoriza no título o qual, aliás, não existe. Especializações, mestrado e doutorado não produzem um analista. Necessitamos de nossas análises, de nossas associações, de nossas instituições e, principalmente, de nossa prática.

Reflexos dos tempos modernos nas relações entre analistas, novos procedimentos e iniciativas interinstitucionais, laços, alianças, convergências, reuniões, congressos estão cada vez mais presentes na comunidade psicanalítica em geral e temos notícias de laços mesmo entre a AMP – Associação Mundial de Psicanálise e a IPA – Associação Internacional de Psicanálise. Sabemos que a psicanálise sempre necessitou disso em seu processo de desenvolvimento e disseminação. Entendemos, também, que ela norteia-se pela insistência simbólica, está aberta ao novo numa referência constante à alteridade, num permanente devir, numa laboriosa espera do *porvir*.

Nesse ponto, cito novamente Dumézil em "A dinâmica lacaniana" [...] "no mais além do laço associativo, esta dinâmica dá à instituição analítica o sentido maior da instituição da psicanálise, isto é, o tratamento" e propõe um axioma ao considerar "a prática de Lacan na qual se refletiam os avanços teóricos", bem como o "espírito de investigação de seu ensino e as suas inovações institucionais" (1993:109). Trata-se do seguinte:

Não se pode separar um projeto teórico, ético e político para a psicanálise freudiana de um trabalho sobre a prática. A teoria pura pode muito bem converter-se num fragmento de discurso filosófico. A prática, separada de seus fundamentos, pode inscrever-se no borrento registro das psicoterapias. A ética pura tornar-se-ia prescritiva e até moralizante. Quanto ao aspecto político, se o isolássemos na psicanálise, voltar-se-ia ao militantismo ou às mais abjetas das negociações. (1993:105).

3. Os objetivos do seminário: o saber sobre o inconsciente e o saber inconsciente.

No seminário "Sobre a prática da psicanálise", além de estudos teóricos realizamos encontros clínicos nos quais os participantes expõem sua prática. Um fragmento, uma vinheta, um caso, uma questão. Intercalando, assim, as duas modalidades, seminário de estudo e seminário clínico, visamos desenvolver a teoria a partir da prática e praticar norteados pela teoria. Nos seminários de estudos teóricos trabalhamos textos de preferência relacionados com o fazer do analista, visando desenvolver "o saber sobre o inconsciente."

Nos seminários clínicos, tendo em vista o "saber inconsciente", nos orientamos pela técnica do Traço do caso, conforme apresentada acima. Ela nos possibilita falar da experiência clínica evitando quer seja a "histericização", quer seja o discurso universitário. O *feed-back* propicia e inclui a participação de todos os presentes que, assim, se beneficiam do trabalho realizado. Tal benefício se dá durante o seminário e/ou no só-depois, na prática clínica de cada um, quando menos se espera.

Desta forma, visa-se a transmissão sem a qual, aliás, falar de nossa prática a nada serviria. Além de ineficazes do ponto de vista da transmissão, certos procedimentos podem, inclusive, favorecer efeitos exibicionista-voyeurísticos indesejáveis num trabalho sobre a clínica. Tais ressalvas não se aplicam, é claro, ao fato usual, e até consagrado, de ilustrarmos a teoria e a técnica através do relato de um caso.

Nestas circunstâncias, trata-se do saber sobre o inconsciente, portanto passível de ensinamento, de exemplificação, de estudo, de publicação etc. Mesmo assim, uma questão utilizada como exemplar, de preferência, não deve ser a de um tratamento ainda em curso, postura esta já recomendada por Freud, desde seu texto de 1912, aos praticantes da psicanálise.

Um esclarecimento: quando falamos de "saber sobre o inconsciente" nos referimos ao conjunto dos significantes da teoria, sobre o qual, inclusive, o discurso da universidade pode dar conta muito bem, e faz-se a distinção entre esse saber e o "saber inconsciente", que é da ordem do discurso analítico. Passível de transmissão, este saber não pode ser ensinado e tem seu lugar excelente no cerne do próprio tratamento analítico. Há, contudo, outras possibilidades que o viabilizam e, neste ponto, entra em cena o *savoir-faire*, o como fazer, o saber fazer.

Tal saber não se dá com facilidade. Conhecemos as barreiras da censura, do recalque e do supereu, e este está sempre de plantão. Freud os descobriu e nós temos oportunidade de constatá-los em nossa experiência cotidiana. Além disso, convive com a insistência simbólica, característica do inconsciente, a renitente inércia proveniente da paixão de ignorar, indicada por Lacan com a prerrogativa de ser a mais forte das três paixões do ser. Apesar do amor à sabedoria ter nomeado a velha Filosofia, nem o amor suplanta "os panos quentes" sobre a verdade e o gozo da aparência. E se a verdade ainda que dita jamais o seja por inteiro, vai encontrar os limites na própria fala, mesmo no sistemático tratamento pela palavra, desde os tempos de Anna O., quando, aliás, o inventou. O sujeito, ainda que "histericizado" em análise, por mais que fale dá o testemunho costumeiro e repetitivo – "Me faltam palavras, capacidade me escapa". Ainda assim, a favor do saber inconsciente, temos a psicanálise e seus dispositivos de transmissão: o tratamento, as supervisões, os cartéis, o passe, o traço do caso, os seminários.

4. Uma reflexão sobre o seminário.

Considerando ensino e transmissão como sendo distintos, tomemos, por exemplo, os seminários realizados nas instituições de psicanálise. Ora, a palavra seminário tem a significação original de viveiro de plantas onde se cultivam as sementes e, no sentido figurado, de centro de criação ou de produção. Tornou-se entre nós o meio privilegiado de desenvolver e avançar a teoria psicanalítica, sobretudo depois que Lacan

o consagrou, certamente pela diferença ao que se propõem os programas de ensino nas universidades, por princípio e de preferência, em torno do saber já constituído. Então, um seminário é ensino/estudo apenas ou também transmissão? Pode-se destacar nele algo da ordem do saber inconsciente? Acredito que sim. A criação, acredito, tem íntima relação com o saber inconsciente e este, por sua vez, ao se produzir é pura criação.

Portanto, sendo o seminário lugar não somente de estudo e ensino, mas também de criação, cultivo e desenvolvimento, é um dispositivo de transmissão. Mas acredito e defendo também a ideia de que há uma tensão própria do movimento criador que, por outro lado, o propicia. Ou seja, ela precisa estar presente para que haja criação e ao mesmo tempo é indicativa de que pode estar havendo criação. Saber inconsciente e criação relacionam-se intimamente. O saber se constituindo, sendo criação, exige certa reverência. Não austeridade, nem nada de sorumbático, mesmo porque humor é imprescindível e conhecemos a importância de sua função libertadora. Freud já a sublinhara, em 1927, ao indicar, também, "algo de grandeza e elevação" presente no humor.

Então, envolvimento com a criação e desejo de verdade, gosto pelo saber e o compromisso com a transmissão herdeiro de nossas análises, aliados a dispositivos que possibilitam a transmissão entre os quais se inclui também o seminário são os bens de que dispomos em favor do saber inconsciente. Este que não se dá com gratuidade, cujas formações são restos a decifrar e que, perpassado pelo não saber do real, é Esfinge permanentemente a nos desafiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DIDIER-WEILL, Alain, "*Instituição: Proposta de um procedimento de passe transinstitucional*". In *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 1998.

DUMÉZIL, Claude e outros, *La marca del caso*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1992.

_____ "Dinâmica Lacaniana". In *Lacan Hoy*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1993.